

# *Perplexidades e*



ANA ALVIM - O BAILE - MANOBRAS NO PORTO 2012

# interrogações da fotografia



*A forma como as primeiras imagens fotográficas eram olhadas implicava, do observador, uma atitude de hesitação e um sentimento renovado de perplexidade. Por serem tão diferentemente novas, não se sabia ainda como olhá-las, esquivando-se estas a qualquer classificação. Eram imagens que irrompiam de uma máquina, oferecendo-se como novas e diferentes, proporcionando visibilidades até então praticamente desconhecidas (a exactidão dos pormenores e os detalhes impossíveis de divisar a olho nu); imagens que proporcionavam o registo documental do momento “congelado” e que podiam ser tecnicamente reproduzidas, característica apreciada por Walter Benjamin.*

## ANA ALVIM







ANA ALVIM O BAILE MANOBRAS NO PORTO 2012

O PENSAMENTO SOBRE A FOTOGRAFIA movimentava-se, inicialmente, através de uma indagação do seu lugar próprio, por contraponto à arte, ou mais precisamente à pintura e à escultura. Era legítimo, se não pertinente, que uma linguagem acabada de surgir indagasse e debatesse os seus próprios limites e fronteiras.

No panorama visual contemporâneo, admiro sobretudo as imagens que, embora executadas quase duzentos anos após o surgimento da fotografia, possuem a capacidade de provocar um sentimento renovado de perturbação. Imagens que, como afirmou Pedro Miguel Frade, possuem vestígios do sentimento primordial do “espanto”. Que nos fazem invadir por um assombro ingénuo e inicial e nos transportam ao tempo das primeiras perplexidades e interrogações de Nicéphore Niépce ou Fox Talbot.

Portadora de uma ligação simultaneamente transcendente e imanente em relação ao seu referente, a fotografia contém uma especificidade particular, como afirma Rudolf

Ana Alvim



ANA ALVIM O BAILE MANOBRAS NO PORTO 2012

Arnheim: “os objectos físicos imprimem eles próprios a sua imagem por meio da ação óptica e química da luz”. Há uma incorporação do referente, que, no entanto, não significa que a fotografia seja uma cópia do real.

A fotografia remete constantemente para a pré-existência de um objeto original, prévio e fundador, de uma matriz. Esta presença da realidade decorre do próprio processo de captação da imagem através de um dispositivo mecânico que faz a fotografia adquirir um carácter documental: a imagem confirma e existência daquilo que se está a ver.

Partilhando desta opinião, Roland Barthes evidencia o carácter tautológico da fotografia, quando diz que, nela, “um cachimbo é sempre um cachimbo, infalivelmente. Dir-se-ia que a fotografia traz sempre consigo o seu referente, ambos atingidos pela mesma imobilidade amorosa e fúnebre, no próprio seio do mundo em movimento: eles estão colados um ao outro”.

...



ANA ALVIM O BAILE MANOBRAS NO PORTO 2012

ESTE CARÁCTER DÚPLICE DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA, que cola e descola a realidade, num jogo de imanência e transcendência em relação ao objeto fotografado, presta-se a que a fotografia possa ser facilmente tomada como realista. No entanto, apesar da sua fortíssima carga referencial, a fotografia tem vindo a ser utilizada como um meio através do qual o real “bruto” e dado surge como pretexto para o próprio acto fotográfico – a realidade torna-se fantástica e o referente descola de si próprio. Tomemos como exemplo a fotografia assumida enquanto realidade fantástica ou encenada, como acontecia nos retratos da condessa Castiglione, que se fazia fotografar sucessiva e compulsivamente por vários fotógrafos,



ANA ALVIM O BAILE MANOBRAS NO PORTO 2012

retratando-se em atitudes encenadas por si mesma; ou os auto-retratos de Cindy Sherman, que, nos seus primeiros trabalhos encena e representa os estereótipos da mulher dos anos cinquenta.

A fotografia pode ser, também, uma realidade transformada, transcendida, como no caso de “Spiral Jetty”, trabalho de Robert Smithson, que nos anos 60 produz imagens fotográficas executadas após uma intervenção sobre a matéria. Ou seja, são fotografias encenadas, posteriores a uma atitude de transformação física de um espaço. Desde sempre, a fotografia inscreve-se na confrontação com a imagem de si próprio, do mesmo e do outro, que sempre inquietou o Homem. ¶



ANA ALVIM O BAILE MANOBRAS NO PORTO 2012

ANA ALVIM foi colaboradora da PÁGINA durante 17 anos – colaboração que, por coincidência, retoma nesta edição, na qual tinha sido anteriormente convidada a participar, como ex-colaboradora, no âmbito do 20º aniversário desta publicação.

Licenciada em Filosofia e mestre em Estética (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), com dissertação sobre Fotografia e Modernidade, é coautora, com Adriano Rangel, de “Tecnologias de Design” e “Oficina de Design”, ambos com chancela Porto Editora. Exerceu a docência na Escola Superior de Jornalismo do Porto e na Escola Superior de Arte e Design, em Matosinhos. Profissionalmente, estreou-se na RTP, como produtora. Em 1980 iniciou colaboração no atelier de design Isto É, onde se mantém: atualmente, desenvolve produção visual (arquitetura, educação, música erudita, stage photography) e fotografia documental (Têxtil Afonso, Manobras do Porto’2012).



ANA ALVIM O BAILE MANOBRAS NO PORTO 2012

Expôs coletivamente na Cooperativa Árvore e na Casa-Museu Teixeira Lopes e, individualmente, no Centro de Cultura Musical Artave (2002 e 2003). Os seus trabalhos estão publicados em diversos livros e revistas e integram algumas coleções particulares: Fundação Castro Alves, Escola Profissional Artística do Vale do Ave, Centro de Cultura Musical e Instituto Nun'Álvres.

<http://www.behance.net/anasousalvim>  
<http://anasalvim.posterous.com/>  
<http://www.memoriafutura.org/>